

O suicídio de Maiakóvski: Jakobson, Formalismo russo e *A geração que esbanjou seus poetas**

Raquel Selner**

Carlos Roberto Ludwig***

Resumo: O presente artigo apresenta uma revisão bibliográfica a respeito do movimento de crítica literária conhecido como Formalismo Russo (1915-1916) e um de seus teóricos mais proeminentes, Roman Jakobson (1896-1982). Após breve apanhado histórico e biográfico, analisou-se a obra *A Geração que Esbanjou seus Poetas* (1931), escrita por Jakobson após o suicídio de seu amigo, o poeta Vladímir Maiakóvski (1893-1930). A análise teve por objetivo verificar como Jakobson, em seus comentários sobre os poemas de Maiakóvski, trouxe para a interpretação questões biográficas do poeta, em especial de seu suicídio.

Abstract: This paper presents a bibliographical review of the literary criticism movement known as Russian Formalism (1915-1916) and one of its most prominent theorists, Roman Jakobson (1896-1982). After a brief historical and biographical survey, we analyzed the work *On the Generation that Squandered its Poets* (1931), written by Jakobson after the suicide of his friend, the poet Vladimir Mayakovsky (1893-1930). The analysis aimed to verify how Jakobson, in his comments about Mayakovsky's poems, brought to his interpretation facts of the poet's biography, especially his suicide.

Palavras-chave: Roman Jakobson; Formalismo Russo; *A Geração que Esbanjou seus Poetas*; Biografismo.

Keywords: Roman Jakobson; Russian Formalism; *On the Generation that Squandered its Poets*; Biographism.

1. Introdução

* Artigo submetido em 12 de junho de 2019 e aprovado em 16 de julho de 2019.

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: raquel_selner@hotmail.com

*** Carlos Roberto Ludwig é professor da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: carlosletras@uft.edu.br

O Formalismo Russo é definido por Victor Erlich como “uma reação contra as tendências intelectuais dominantes”. Seu surgimento é envolto por eventos históricos importantes na Rússia do início do século XX, como a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a Revolução Russa (1917), que derrubou o último tsar e estabeleceu, posteriormente, o poder soviético sob controle do partido bolchevique, liderado por Vladímir Lênin.

O Formalismo era, essencialmente, um movimento de crítica literária. Indo na contramão das tendências marxistas de análise crítica da época, que valorizavam fatores externos à obra (questões sociais, biografia do autor, contexto histórico de produção etc.), os formalistas deixavam essas questões de lado para focarem na obra. “O lócus do peculiarmente literário era para ser buscado não na *psyché* do autor ou do leitor, mas na obra em si”.¹

Um dos teóricos mais proeminentes do Formalismo Russo foi Roman Jakobson (1896-1982). Sua extensa pesquisa a respeito das funções da linguagem² garantiu que seu nome fosse lembrado tanto no meio linguístico quanto no literário até os dias de hoje. Publicou diversas obras, a maioria delas dentro das linhas do Formalismo Russo. No entanto, um de seus ensaios trouxe perspectivas diversas em relação a como tradicionalmente se analisava uma obra dentro dos preceitos do Formalismo. Trata-se da obra *A Geração que Esbanjou seus Poetas*, publicada em Berlim, no ano de 1931. Esse ensaio traz uma cuidadosa análise feita por Jakobson dos poemas de Vladímir Maiakóvski (1893-1930). Não por acaso foi publicado um ano após a morte do poeta: Jakobson, em suas análises, busca pistas de que o autor daqueles versos já estaria pensando em suicídio.

¹ Ibidem, p. 628. Tradução nossa.

² JAKOBSON, 2003.

Tendo o Formalismo Russo como preceito básico a análise literária da obra pela obra, sem levar em consideração fatores externos a ela (como, por exemplo, a biografia do autor), *A Geração que Esbanjou seus Poetas* revolucionou a própria crítica literária do Formalismo, abrindo precedente para práticas como o biografismo. Segundo o próprio Jakobson,

A crítica literária rebela-se contra as ligações imediatas, diretas, entre a poesia e a biografia do poeta. Mas é absolutamente impossível concluir por uma necessária desvinculação entre a vida do artista e sua arte. Tal antibiografismo seria o lugar-comum invertido de um biografismo mais que vulgar.³

Percebe-se, nesse instante, que Roman Jakobson assume uma postura teórica diferente da proposta inicial do Formalismo Russo: seu ensaio a respeito dos poemas de Maiakóvski demonstra que o teórico não ignora a biografia do autor, entendendo-a como vinculada à obra por ele produzida:

[...] em “A geração que esbanjou seus poetas”, Roman Jakobson, contrariando, ao menos aparentemente, os princípios autobiográficos do primeiro formalismo, reflete sobre a vida do poeta e seu destino, e não mais sobre o ritmo de seus versos, tratados fora de qualquer fundamento na vida do poeta.⁴

Para que se compreenda melhor essa abertura metodológica, o presente artigo propõe uma revisão bibliográfica sobre o Formalismo Russo, tendo em vista a obra *A Geração que Esbanjou seus Poetas*, de Jakobson, e seu caráter inovador em relação à proposta inicial do movimento. Sendo assim, primeiramente foi realizado um breve apanhado histórico sobre o Formalismo Russo e suas teorias iniciais a respeito da análise crítica de poemas russos. Em seguida, procurou-se situar Roman Jakobson nesse cenário, para finalmente abordar a obra *A Geração que Esbanjou seus Poetas*, procurando entender sua linha de análise e verificar se ela é diferente da que o próprio Formalismo Russo empregava.

³ JAKOBSON, 2006, p. 39.

⁴ GONÇALVES, 2006, p. 61.

2. Formalismo Russo

O Formalismo Russo foi um movimento crítico que surgiu entre os anos 1915 e 1916. Segundo Sonia Gonçalves, o Formalismo Russo foi o

primeiro movimento crítico russo que se preocupou sistematicamente em colocar a obra literária no centro de sua atenção, interessou-se por problemas de ritmo, métrica, estilo e composição, acentuando fortemente a diferença entre literatura e vida e deixando de lado as habituais explicações biográficas, psicológicas, sociológicas e outras.⁵

O movimento surgiu em resposta à *intelligentsia*, grupo composto por

membros bem educados da sociedade que, apoiados na razão e no conhecimento, assumiriam as responsabilidades de defender os interesses da pátria e do povo. Em outras palavras, pressupunha a sensibilidade e a responsabilidade dos cultos no tocante à educação do povo e à afirmação da nação.⁶

Devido a esses ideais, predominava, na Rússia do final do século XIX, uma forte tendência a enxergar as obras literárias como documentos históricos, o que fez com que Aleksánder Vesselóvki (1838-1966) comparasse a ciência literária com uma “terra de ninguém”.⁷ A partir daí, “nas décadas de 80 e 90 [século XIX], a escola de lingüística russa, que até então tinha seguido a orientação dos neogramáticos, estabeleceu-se em torno de Fortunatov, em Moscou, e evoluiu aos poucos em direção ao estruturalismo”.⁸ Em consonância com esses fatores teóricos, surge o movimento simbolista na Rússia, o qual restabeleceu a poesia russa após um longo período dominado pela prosa (inclusive com nomes como Dostoiévski e Gógol). Com a ascensão do Simbolismo e da poesia russa, renasce o estudo do verso.

Nesse contexto, entre os anos 1915 e 1916, o Círculo Linguístico de Moscou é fundado com a intenção de desenvolver as ideias de Ferdinand de Saussure (1857-1913) sobre o estudo sincrônico da linguagem. Logo em seguida, em 1916, surge a OPOIAZ (sigla russa para a Sociedade para o Estudo da Lin-

guagem Poética), fruto do movimento futurista na literatura russa, que propõe voltar os estudos literários para a obra em si, rejeitando, assim como o próprio Círculo Linguístico de Moscou, elementos extraliterários, como a história, a sociologia e a biografia do autor. Às ideias dessa união foi dado, mais tarde, o nome de Formalismo Russo, entendido por alguns de seus membros como “uma espécie de falácia ou termo pejorativo, criado pelos opositores desta teoria”.⁹ Como tivessem rejeitado a crítica literária vigente até então para criar um método crítico mais científico e prático, “foi essa insistência obstinada que conquistou para os formalistas sua denominação depreciativa, a eles atribuída por seus antagonistas”.¹⁰

Os principais teóricos do Formalismo Russo foram Vítor Chklóvski (1893-1984) e Roman Jakobson (1896-1982). Nas palavras de Ivan Teixeira, Chklóvski, em sua teoria, defendia que:

[...] a finalidade da arte é gerar a desautomatização, mediante o estranhamento ou a singularização da estrutura que o artista oferece à contemplação. Se algo aspira à condição de enunciado artístico, precisa ser dito de forma impressionante. Ao contrário do convívio cotidiano com as coisas, o convívio com a arte deve ser particularizado, dificultoso e lento. Tomando o texto poético como metonímia de arte, o morfologista russo entende que a particularização do texto decorre de técnicas específicas aplicadas às palavras, em seus níveis semântico, sintático e fonológico: instaura-se a consciência linguística da literatura.¹¹

Jakobson, por sua vez, define que “o objeto da ciência literária não é a literatura, mas a *literatúrnost*, isto é, o que faz de determinada obra uma obra literária”.¹² A *literatúrnost*, traduzida para o português como *literariedade*, é entendida como a qualidade própria de uma obra literária, que era justamente o objeto de investigação dos formalistas. Segundo Antoine Compagnon,

⁹ CEIA, 2009, s/p.

¹⁰ EAGLETON, 2003, p. 4.

¹¹ TEIXEIRA, 1998, p. 37.

¹² JAKOBSON, 1921 apud TODOROV, 2006, p. 30.

Eles se opunham abertamente à definição de literatura como documento, ou à sua definição através da função de representação (do real) ou de expressão (do autor) e acentuavam os aspectos da obra literária considerados especificamente literários e distinguiam, assim, a linguagem literária da linguagem não literária ou cotidiana.¹³

Pode-se resumir, então, que o trabalho dos formalistas russos consistia essencialmente em analisar obras literárias, principalmente os versos, com a finalidade de investigar o que fazia delas obras propriamente literárias. Para tanto, era necessário desconsiderar fatores externos às obras, como os contextos social, econômico, cultural, sociológico e até mesmo a própria biografia do autor. Sobre isso, Boris Eikhenbaum, teórico formalista, argumenta: “Nenhuma frase da obra literária pode ser, em si, uma expressão direta dos sentimentos pessoais do autor, ela é sempre construção e jogo”.¹⁴ Eagleton ainda coloca:

Sendo [os formalistas] um grupo de críticos militantes, polêmicos, eles rejeitaram as doutrinas simbolistas quase místicas que haviam influenciado a crítica literária até então e, imbuídos de um espírito prático e científico, transferiram a atenção para a realidade material do texto literário em si. [...] A obra literária não era um veículo de idéias, nem uma reflexão sobre a realidade social, nem a encarnação de uma verdade transcendental: era um fato material, cujo funcionamento podia ser analisado mais ou menos como se examina uma máquina. Era feita de palavras, não de objetos ou sentimentos, sendo um erro considerá-la como a expressão do pensamento de um autor.¹⁵

As ideias do Formalismo Russo “floresceram durante a década de 1920, até serem eficientemente silenciadas pelo Stalinismo”.¹⁶ A razão para essa extinção é esclarecida por Gonçalves: “O assim chamado formalismo [...] [foi] extinto em 1930, tachado de ‘pequeno burguês’ e condenado pelo partido por

¹³ COMPAGNON, 2010, p. 40.

¹⁴ EICHENBAUM, 1972 apud TODOROV, 2006, p. 32.

¹⁵ EAGLETON, 2003, p. 3.

¹⁶ Idem.

seu ‘desvio ideológico’¹⁷. No mesmo ano, Roman Jakobson, que até então residia em Praga (capital da atual República Tcheca), teve de sair do país devido aos regimes totalitários vigentes na época, mudando-se com frequência até fixar morada novamente em 1942, nos Estados Unidos da América.

3. Roman Jakobson

Roman Ossípovitch Jakobson nasceu no dia 28 de setembro de 1896, em Moscou. Durante os anos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), estudou “no Instituto de Línguas Orientais da Universidade de Moscou e doutorou-se em 1930 pela Universidade de Praga”.¹⁸ Participou ativamente na fundação do Círculo Linguístico de Moscou, grupo precursor do Formalismo Russo, atuando como presidente do Círculo até o ano de 1920. Em 1916, quando surgiu a OPOIAZ (Sociedade para o Estudo da Linguagem Poética – grupo já mencionado no segmento anterior deste artigo), Jakobson também esteve presente como membro. De acordo com Gonçalves, “a OPOIAZ propunha uma redefinição do verdadeiro objeto dos estudos literários, recusando categoricamente as interpretações extraliterárias do texto, rejeitando a filosofia, a sociologia, a psicologia e a biografia como ponto de partida para a abordagem literária”.¹⁹

Jakobson é especialmente lembrado no meio linguístico por conta de suas obras *Linguística e Comunicação* (1960), *Linguística. Poética. Cinema.* (1970) e *Fonema e Fonologia* (1967). Entretanto, como Haroldo de Campos (1929-2003) o definiu, Jakobson era o “poeta da linguística”: utilizava-se das teorias da linguística para realizar a análise de poemas. Suas análises recaíam especialmente sobre aspectos fonológicos. Em um artigo intitulado *A novíssima poesia russa* (1919), Jakobson abordou “temas como a primazia do som em relação a outras categorias como ‘conteúdo’, ‘significado’ ou ‘objeto’”.²⁰

¹⁷ GONÇALVES, Op. cit., p. 57.

¹⁸ Ibidem, p. 87.

¹⁹ Ibidem, p. 88.

²⁰ Ibidem, p. 89.

Roman Jakobson conheceu o poeta Vladímir Maiakóvski a partir do contato que teve com a pintura abstrata e a poesia de vanguarda. Sua amizade com ele “teria surgido de uma mútua admiração: Jakobson teria ficado fascinado pelas suas experiências poéticas, ao passo que o poeta logo se envolveria com a abordagem lingüística da poesia, desenvolvida por Jakobson no Círculo Lingüístico de Moscou”.²¹ Jakobson analisou pessoalmente diversos poemas de Maiakóvski, e foi grande admirador de seu trabalho. Quando o poeta se suicidou em abril de 1930, Jakobson, comovido com sua morte, publica, em 1931, a obra *A Geração que Esbanjou seus Poetas*, em que traz análises detalhadas de diversos poemas de Maiakóvski. Dessa vez, no entanto, suas análises transcendem o aspecto fonológico: ele se atém à mensagem que Maiakóvski parecia querer transmitir, buscando, em seus escritos, evidências de que o poeta já estaria pensando em suicídio.

4. A Geração que Esbanjou Seus Poetas

A Geração que Esbanjou seus Poetas foi um ensaio de Roman Jakobson em que o autor se dedicou a analisar os poemas de Vladímir Maiakóvski. Como formalista, era de se esperar que suas análises fossem centradas nos artifícios determinados pelo Formalismo Russo como responsáveis pela construção da literariedade de uma obra. “Os ‘artifícios’ incluíam som, imagens, ritmo, sintaxe, métrica, rima, técnicas narrativas; na verdade, incluíam todo o estoque de elementos literários formais”.²² Entretanto, o que predomina em sua análise é o biografismo: “Paradoxalmente, para um formalista, é motivado justamente por um fato extra-literário e extra-crítico (a morte do poeta) que Jakobson se propõe a descobrir indícios – até mesmo biográficos – dessa morte na poesia de Maiakóvski”.²³ O próprio Jakobson inicia a obra com esta justificativa: “Mas como escrever sobre [a poesia de Maiakóvski] agora, quando

²¹ *Ibidem*, p. 88.

²² EAGLETON, 2003, p. 4.

²³ GONÇALVES, *Op. cit.*, p. 73.

a tônica já não é mais o ritmo, mas a morte do poeta, quando (para fazer uso de sua terminologia poética) a 'tristeza aguda' não quer mais se transformar em 'dor clara e consciente'?"²⁴

Nas primeiras páginas do ensaio, Jakobson traz um breve apanhado da poesia russa nos anos de 1910 e 1920, e trata de como os seus respectivos poetas foram esbanjados por uma geração de mudanças rápidas e drásticas. O teórico formalista não se demora em entender as razões do suicídio de Maiakóvski e de outros autores que ele cita em seu texto, mas tem por objetivo realizar a leitura de seus poemas sob esse contexto. Segundo ele, "[...] a própria morte de Maiakóvski [está entrelaçada] de modo tão íntimo com sua poesia, que só é possível lê-la nesse contexto".²⁵

Nas páginas seguintes, Jakobson faz uma análise de uma geração inerte utilizando-se dos versos de Maiakóvski como argumento: "A inércia continua a predominar. É esse o inimigo primordial do poeta,²⁶ que não se cansa de voltar ao tema".²⁷ O teórico formalista entende que Maiakóvski angustiava-se com a vida cotidiana. De acordo com Gonçalves, na visão de Maiakóvski, "o cotidiano pressupõe uma inabalável ordem mundial pequeno-burguesa, a propensão ao conforto e a qualquer estabilização dos dias de hoje. A revolução social é apenas a forma metafórica da revolta espiritual, da revolução da alma".²⁸

À medida que avança em seu ensaio, Roman Jakobson traça um paralelo estreito entre os dizeres dos poemas de Maiakóvski e a própria relação do poeta com a vida. Jakobson entende que seu amigo poeta já inscrevia, em seus versos, a inevitabilidade de seu destino mórbido:

[...] ele não chegaria a ver a revelação da plenitude absoluta do ser; o resultado final era inevitável: "Eu não vivi na terra

²⁴ JAKOBSON, 2006, p. 9. Este é o ano da publicação da editora Cosac Naify no Brasil. A publicação original é de 1931, em Berlim.

²⁵ *Ibidem*, p. 12-13.

²⁶ A palavra "poeta", neste e em outros momentos, refere-se exclusivamente a Maiakóvski, cujos poemas figuram na análise de Jakobson para sua argumentação em relação à geração que esbanjou seus poetas.

²⁷ *Ibidem*, p. 16.

²⁸ GONÇALVES, *Op. cit.*, p. 67.

o que me cabia até o fim, nem amei o que me cabia até o fim".
Sua sina é a morte expiatória sem conhecer a alegria:

Para todos há uma bala

Para todos há uma faca

Mas para mim, quando haverá?

Para mim, o que haverá?

A esta pergunta, Maiakóvski responde com firmeza.²⁹

Esse trecho demonstra novamente que Jakobson entende a relação entre o eu-lírico e o autor dos versos como sendo o mesmo sujeito. Enquanto o eu-lírico pergunta-se sobre quando, o que haverá para si, Jakobson interpreta que o próprio Maiakóvski respondeu a essa pergunta "com firmeza", ou seja, com seu suicídio.³⁰

Em seguida, Jakobson relata o episódio em que contou para Maiakóvski a respeito da Teoria da Relatividade. O poeta ficou entusiasmado com a ideia. Jakobson assim descreve a reação de seu amigo:

"Você não acha", perguntou-me de chofre, "que é desse modo que adquiriremos a imortalidade?" [...] "Pois eu estou inteiramente convencido de que algum dia não existirá mais a morte. Vão ressuscitar os mortos." [...] Para mim, nesse instante revelou-se um Maiakóvski que eu não conhecia: a exigência da vitória sobre a morte o dominava.³¹

Em sua análise, Jakobson percebe que Maiakóvski abordou o tema da ressurreição e da viagem no tempo em suas últimas obras, mas que seus poemas já vinham citando questões sobre a relação entre presente, passado e futuro havia mais tempo. Uma das evidências que o teórico russo encontrou nos poemas de seu amigo a esse respeito trata do infanticídio. Segundo Jakobson, "a ligação entre o tema do infanticídio e o do suicídio é evidente: são maneiras diferentes de privar o presente de sucessão, de 'interromper o tempo decrépito'".³²

²⁹ JAKOBSON, 2006, p. 28.

³⁰ Vale lembrar aqui que Maiakóvski suicidou-se com um tiro na cabeça. De fato, há quem especule que seu suicídio foi forjado e que, na verdade, ele teria sido assassinado por perseguição política.

³¹ Ibidem, p. 29.

³² Ibidem, p. 35.

Após essa abordagem, Jakobson traz a definição do próprio Maiakóvski a respeito da poesia, tratando-a novamente sob a perspectiva formalista:

A concepção de Maiakóvski sobre a função do poeta está ligada à crença na superação do tempo, na vitória sobre sua marcha contínua. *A poesia não é uma superestrutura mecânica que se acrescenta ao edifício acabado da vida cotidiana (não por acaso, Maiakóvski estava estreitamente ligado aos críticos formalistas); um poeta genuíno “não se alimenta da vida cotidiana; seu focinho não está voltado para o chão”.*³³

Logo em seguida, Jakobson afirma: “O poeta sente a coerção de seus próprios versos, e seus contemporâneos, a fatalidade de seu destino. Será que alguém não teria hoje a sensação de que os livros do poeta são um roteiro por meio do qual ele representa o filme da sua própria vida?”.³⁴ Nesse instante, o crítico formalista admite a inserção biográfica de Maiakóvski em seus poemas. Segundo Jakobson, “o motivo do suicídio na poesia de Maiakóvski foi, um dia, considerado um simples procedimento literário. Pensariam assim até hoje, se Maiakóvski [...] tivesse morrido de pneumonia aos 26 anos”.³⁵ Percebe-se que a forma como Maiakóvski morreu foi primordial para a transformação na metodologia de leitura crítica de seus poemas.

Mais adiante, Jakobson postula:

Um resumo da *autobiografia poética* [...] de Maiakóvski: a alma do poeta cultiva a dor extraordinária da geração atual. Não será por isso que seu verso está carregado de ódio contra as fortalezas da vida cotidiana e que essas palavras trazem as “letras dos séculos futuros”?³⁶

Utilizando-se do termo *autobiografia poética*, Jakobson confere às poesias de Maiakóvski não mais seu valor estético, sua literariedade, mas seu caráter autobiográfico. Para o formalista, era indubitável que o poeta imprimira sua própria história em seus versos, não necessariamente preocupado com a esté-

³³ JAKOBSON, Op. cit., p. 35. Grifos nossos.

³⁴ Ibidem, p. 35-36.

³⁵ GUINDIN, 1999 apud GONÇALVES, Op. cit., p. 64.

³⁶ JAKOBSON, Op. cit., p. 36. Grifos nossos.

tica literária. Percebe-se isso no trecho:

O poeta está condenado ao “exílio do presente”.

Mamãe!..

Diga às minhas irmãs, Liúdia e Ólia,

Que não há para onde fugir.

Este motivo *perde, pouco a pouco, seu caráter literário*. Passa, inicialmente, dos versos à prosa: “Não há para onde fugir” (...) e da prosa para a vida: “Mamãe, irmãs e camaradas, perdoem-me – este não é o melhor modo (não o aconselho aos outros), mas eu não tenho saída” (da carta de despedida de Maiakóvski).

Ele já estava preparado há muito tempo.³⁷

Poucos parágrafos depois, Jakobson cita diversos autores que, diante do suicídio de Maiakóvski, demonstraram não compreender como isso poderia ter vindo do poeta, alegando ser um evento totalmente imprevisível. A esses autores Jakobson indaga: “Será possível que todos esses homens de letras tenham se esquecido de tudo a tal ponto, ou a tal ponto não tenham entendido ‘tudo que Maiakóvski criou’? Ou era tão forte a convicção geral de que tudo não passava, afinal, de ficção, de invenção?”.³⁸ Daqui em diante, Jakobson desconstrói a recusa da fase inicial do formalismo a uma análise poética que levasse em consideração fatores externos à obra, demonstrando que tal recusa é inconsistente. A esse respeito, ele faz uma comparação entre a poesia autobiográfica de Maiakóvski e uma cena de teatro: “(...) o público aplaudia e vaiava a acrobacia artística seguinte (...), e quando, em vez do teatral suco de mirtilo, viu derramar-se o verdadeiro sangue viscoso, ficou perplexo: é incompreensível, não tem nada a ver com nada!”.³⁹ Para o crítico, a prática de desvincular a realidade poética da realidade presente resultou em uma incompreensão da própria obra, de modo que, quando Maiakóvski finalmente cumpriu o que já vinha anunciando em seus versos, os demais autores de sua época ficaram chocados.

³⁷ Ibidem, p. 37. Grifos nossos.

³⁸ Ibidem, p. 39.

³⁹ JAKOBSON, Op. cit., p. 41.

É interessante notar que Jakobson relata que o próprio Maiakóvski negava estar permeando seus versos com seus próprios anseios sobre a vida e o que ela se tornara. Ao ser lembrado pelo crítico de determinados versos que davam essa ideia, o poeta retrucou: “Bobagem! É só o fechamento formal! É só uma imagem. Iguais a este se pode fazer quantos se queira”.⁴⁰ Ao se recordar dessa conversa, Jakobson reflete: “O rígido credo literário dos formalistas conduzia inevitavelmente a poesia dos futuristas russos à antítese do formalismo – ao ‘grito bruto do coração’, à sinceridade despidorada”.⁴¹

Jakobson vai além do biografismo e trata também do contexto social impresso na obra poética de Maiakóvski. Ele afirma: “[...] em relação ao contexto social, os versos jornalísticos de Maiakóvski são uma passagem do impetuoso ataque frontal para a estafante guerra de posições”.⁴² Utilizando-se da metáfora da guerra, o teórico compara os versos do poeta às estratégias adotadas pelos exércitos europeus durante a Primeira Guerra Mundial: primeiramente, ataques frontais, e em seguida a guerra de posições ou de trincheiras. Para o Formalismo Russo, o contexto social não era necessário para a construção de uma forma literária. “Longe de considerarem a forma como a expressão do conteúdo, eles inverteram essa relação: o conteúdo era simplesmente a ‘motivação’ da forma, uma ocasião ou pretexto para um tipo específico de exercício formal”.⁴³

Encaminhando-se para o fim de seu ensaio, Jakobson traz à tona as interpretações acerca da morte de Maiakóvski. As notícias oficiais apontavam que o motivo do suicídio seria de ordem estritamente pessoal. O teórico menciona outra hipótese:

O folhetinista satírico Kolstov apressa-se em explicar: “Maiakóvski estava envolvido até o pescoço com seus assuntos práticos, e de grupo, e literários e políticos. Foi um outro quem disparou o tiro, um oportunista, que dominou momentaneamente o psiquismo debilitado do poeta mili-

⁴⁰ Ibidem, p. 42.

⁴¹ Idem.

⁴² Ibidem, p. 43.

⁴³ EAGLETON, Op. cit., p. 4.

tante e revolucionário. Foi o resultado de um acúmulo momentâneo de circunstâncias.”⁴⁴

A partir dessa interpretação de Kolstov, poder-se-ia entender que Maiakóvski teria disparado a arma num assomo de loucura devido a uma carga emocional momentânea muito intensa, que o teria transformado em outra pessoa, e que essa, sim, disparara a arma. Jakobson não crê nessa teoria, pois, assim como observa ao longo de todo o seu ensaio, entende que o poeta já pensara no assunto diversas vezes e por muito tempo, renunciando-o em sua antologia.

O teórico formalista finaliza, então, seu ensaio, retomando a desolação da geração de poetas a que ele assistiu sucumbir às mazelas de seu tempo. Ele traz suas previsões quanto ao futuro literário de sua própria geração:

O futuro também não nos pertence. Daqui a algumas dezenas de anos, seremos chamados, sem qualquer piedade, de gente do milênio passado. Tínhamos apenas cantos apaixonantes sobre o futuro e, de repente, esses cantos, frutos da dinâmica do presente, transformaram-se em fatos da história literária. Quando os cantores são assassinados e as canções, arrastadas ao museu e presas ao passado, a geração atual torna-se ainda mais desolada, mais abandonada e mais perdida, mais deserdada, no sentido verdadeiro da palavra.⁴⁵

5- Conclusão

A arte deve ligar-se estreitamente com a vida [...].

Fundir-se com ela ou perecer.

*Vladimir Maiakóvski*⁴⁶

De acordo com Galuchkin, assim reagiu Chklóvski, principal teórico formalista ao lado de Jakobson, ao ler *A Geração que Esbanjou seus Poetas*:

A consciência do pesquisador é fragmentada e arcaica;

⁴⁴ JAKOBSON, Op. cit., p. 45.

⁴⁵ Ibidem, p. 53.

⁴⁶ Conclusão do *Resumo da palestra “Abaixo a arte, viva a vida!”*, de 16 de janeiro de 1924 (MAIAKÓVSKI, 2014, p. 114).

é difícil reconhecer Roman Jakobson – autor de pesquisas interessantes, em trabalhos sobre o verso de Maiakóvski. O excepcional lingüista, que fez tanto pela vanguarda científica, de repente volta à análise biográfica, [...] para o encontro de protótipos.⁴⁷

Essa reação é justificada pela crítica do Formalismo Russo à prática do biografismo, conforme foi mencionado no início deste artigo. Surpreendeu a muitos que Roman Jakobson, um dos mais renomados críticos literários do Formalismo, realizasse uma análise dos poemas de Maiakóvski permeada por um fator biográfico do poeta, a saber, seu suicídio. No entanto, outros teóricos contemporâneos a Jakobson receberam seu ensaio com entusiasmo. De fato, em uma carta redigida em 1977, Jakobson menciona que, a respeito de seu texto, a escritora russa Lilia Iúrievna Brik (1891-1978) disse-lhe: “você percebeu o que ninguém reparou”.⁴⁸

Apesar de o suicídio ter sido um tema recorrente na obra de Maiakóvski, os críticos literários contemporâneos ao poeta não enxergavam em seus versos intenções necessariamente reais por parte do seu autor. Devido aos preceitos teóricos preconizados pelo Formalismo Russo, a leitura que se fazia dos versos de Maiakóvski se concentrava nos procedimentos literários empregados e não objetivava identificar possíveis rastros autobiográficos. Por esse motivo, diversos autores e críticos literários da época ficaram surpresos quando o poeta se suicidou. Por outro lado, “em ‘A geração que esbanjou seus poetas’, Jakobson fala da poesia de Maiakóvski como um guia para ser interpretado na vida real”.⁴⁹ Mesmo tendo o crítico encabeçado os movimentos intelectuais que levaram ao surgimento do Formalismo Russo, sua postura teórica modificou-se diante de um evento que ilustrou a relação entre bibliografia e biografia de um autor: “Para alguns, o suicídio de Maiakóvski, que Jakobson considerou simbólico de toda a geração, parece

⁴⁷ GALUCHKIN, 1999 apud GONÇALVES, Op. cit., p. 65.

⁴⁸ Trecho da carta de Jakobson redigida a Hugh McLean e publicada por ele na revista *Slavic Review* em março de 1977. Original: “You perceived what no one noticed” (MCLEAN, 1977, p. 155).

⁴⁹ GONÇALVES, Op. cit., p. 66.

ter sido o primeiro alerta que o levou a pensar no problema do 'mito poético', ou seja, a relação específica entre a vida e a obra de um escritor".⁵⁰

O Formalismo Russo, inicialmente ortodoxo na postura de evitar interpretações externas à obra literária, passa por transformações: "Por volta de 1928 Jakobson já havia ampliado suas perspectivas, acreditando que somente a correlação da série literária com outros aspectos da cultura pode explicar o movimento histórico".⁵¹ Assim, percebe-se que Roman Jakobson, um dos fundadores do Formalismo Russo, também seguiu conduzindo o movimento de crítica literária para novas configurações, transformado ele próprio por sua história inter cruzada com a história de outros autores.

Referências bibliográficas

CEIA, Carlos. "Formalismo Russo." 26/12/2009. In: -----
E-Dicionário de Termos Literários. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/formalismo-russo/>>. Acesso em 27/03/2019.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum* (Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago). 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução* (Tradução de Waltensir Dutra). 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ERLICH, Victor. "Russian Formalism." *Journal of the History of Ideas*, v. 34, n. 4, p. 627-638, out./dez. 1973.

GONÇALVES, Sonia Regina Martins. "Posfácio." In: JAKOBSON, Roman. *A geração que esbanjou seus poetas* (Tradução de Sonia Regina Martins Gonçalves). São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 57-74.

⁵⁰ Ibidem, p. 68.

⁵¹ Ibidem, p. 66.

JAKOBSON, Roman. *A geração que esbanjou seus poetas* (Tradução de Sonia Regina Martins Gonçalves). São Paulo: Cosac Naify, 2006.

_____. "Linguística e poética". In: _____. *Linguística e comunicação*. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2003, p. 118-162.

MAIAKÓVSKI, Vladimir. Resumo da palestra "Abaixo a arte, viva a vida!". In: SCHNAIDERMAN, Boris. *A poética de Maiakóvski*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 113-114.

MCLEAN, Hugh. "Smert' Vladimira Maiakovskogo" (Review). *Slavic Review*, v. 36, n. 1, mar. 1977, p. 154-155.

TEIXEIRA, Ivan. Fortuna Crítica 2: "O Formalismo Russo." *Cult*, São Paulo, nº 13, ago. 1998, p. 36-39. Disponível em: <http://www.usp.br/cje/depaula/wp-content/uploads/2017/03/Formalismo-Russo_Ivan-Teixeira-1.pdf>. Acesso em 03/04/2019.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

VIEIRA, Carlos Eduardo. "Intelligentsia e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual." *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá, n. 16, p. 63-85, jan./abr. 2008.